



Imagem da capa do livro de Gil Vieira Costa, Mezanino Editorial, 2024 -
Foto: divulgação

LIVRO

INQUIETAR A MATÉRIA, CONFRONTAR A MEMÓRIA

AFONSO MEDEIROS - ABCA/PARÁ

RESUMO: Este breve artigo apresenta o livro *Confrontar a matéria, inquietar a memória: notas sobre arte e política na obra de Marccone Moreira* (Mezanino Editorial, 2024), articulando as percepções críticas do professor, historiador, crítico e curador Gil Vieira Costa sobre o artista instalado em Marabá. Não se restringindo à face mais conhecida da obra de Marccone, Gil nos oferece, entre análises poéticas da produção mais recente do artista, aspectos peculiares e agudos da arte contemporânea no Brasil e de seu exercício crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Marccone Moreira; Arte contemporânea; mundialização.

ABSTRACT: This brief article presents the book *Confronting matter, unsettling memory: notes on art and politics in the work of Marccone Moreira* (Mezanino Editorial, 2024), articulating the critical perceptions of professor, historian, critic and curator Gil Vieira Costa about the installed artist in Marabá. Not restricting himself to the best-known aspect of Marccone's work, Gil offers us, among poetic analyzes of the artist's most recent production, peculiar and acute aspects of contemporary art in Brazil and its critical exercise.

KEYWORDS: Marccone Moreira; Contemporary art; globalization.

Não é a primeira vez que Gil Vieira Costa confronta a memória, inquietando a matéria - desta outra vez perseguindo Marccone Moreira. A rigor, está precisando o foco desde sua dissertação *(Des)territórios da arte contemporânea: multiterritorialidades na produção artística paraense* (2011, PPGARTES/UFPA), passando pela tese *Arte em Belém, do abstracionismo à visualidade amazônica: 1957-1985* (2019, PPGHist/UFPA). Desde então, persegue feito *paparazzi* artistas que inquietam matérias e confrontam memórias. Digo “paparazzi” não no sentido do fotojornalista que não dá trégua à celebridade do dia, mas num sentido outro: do crítico/historiador que, sabendo-se intruso, não cansa de arriscar-se para pôr em foco a intimidade da persona artística (posta ou não em sua obra), aquela que escapa das lentes fixadas nos tapetes vermelhos do sistema - em tempo, Gil sempre nos oferece instantâneos, consciente da precariedade de todo e qualquer olhar metido a besta.

Em *Confrontar a matéria, inquietar a memória: notas sobre arte e política na obra de Marccone Moreira* (Mezanino

Editorial, 2024), Gil nos alicia desde a primeira frase: “Uma embarcação interrompe um grande vazio e nela distinguimos uma pessoa” (p. 15), justamente na página que tem como espelho a imagem de uma obra de Marccone (da série *Travessias*, 2023) - um flash, pois não? A memória de Gil, empalada pela de Marccone, é andarilha; andarilha ciente, talvez, dos embotamentos que constituem tanto a transitoriedade do olhar do artista quanto o do crítico.



Gil Vieira Costa, professor, historiador, crítico e curador - Foto: acervo pessoal

Embutido nesse início de aliciamento, o autor já esclarece que, sem deixar de falar para o local, “Marccone Moreira é alguém que fala para a arte [transnacional] especializada” (p. 19). Isso mesmo: “arte especializada” - que troço é esse?

Referindo-se à institucionalização complexa do *modus operandi* do sistema contemporâneo da arte, Gil acentua: “Por isso, chamá-la de arte especializada nos ajuda a desnaturalizar sua existência e a compreender melhor o regime simbólico que ela nos impõe” - trata-se de um gol de placa, uma “folha seca” que atordoia a crítica goleira, “naturalmente” escalada para os escretes canarinhos.

Guardadas as devidas (des) proporções, “arte especializada” é um daqueles perceptos/afectos que nos ajudam a imiscuir conceitos incrustados não só no presente, mas também nos passados reverberáveis no contemporâneo, tais como os percebidos por Warburg (2008) e por Agamben (2009) - para citar apenas

dois dos que pensam temporalidades em conluio com territorialidades mentais ou geográficas. Arte especializada, no sentido aqui definido e operado por Gil é, enfim, um daqueles motes que desnaturalizam e desestabilizam os consensos que já vem malhados antes de nascermos.

A partir daí, Gil se impõe o papel de intelectual mediador, qual seja, daquele que se reconhece como um elo possível - nem sempre imprescindível, mas necessário - entre a obra do intelectual criador (o artista) e seus leitores, assinalando que a obra de Marccone aponta não só para peculiaridades pessoais - próprias dos andarilhos, inclusive -, mas também para “uma característica [idiossincrática] constitutiva do trabalho dos artistas contemporâneos no Brasil” (p. 23). É isso mesmo: o professor, pesquisador, curador, historiador e crítico ananin (entendedores entenderão), inquietando a matéria do estado crítico da arte, não deixa de mundiar seu olhar a partir de uma mundiação já embutida em

brasilianas contemporâneas. Não se trata aqui de assomos puristas sobre o cêntrico/periférico, mas é fato que Gil, mundiando seu olhar a partir de Marabá, não pede “bença” para os metropolitanos daqui e de acolá ciente, talvez, que os tecidos contemporâneos da arte (especializada ou não) se esgarçam em latitudes e longitudes outras, (re)existentes e (re)apropriadas.

Tudo isso torna-se explícito no exercício do intelectual mediador, dado que sua escritura vai além do clichê crítico sobre Marccone que, grosso modo, ainda permanece no “matérico” daquela fase do artista que lhe deu notoriedade nacional e internacional. Aliás, as imagens das obras e dos processos de Marccone que nos são oferecidas no livro funcionam quase como uma narrativa autônoma, quase exigindo um silêncio obsequioso, próprio do ribeirinho ensimesmado. Eis aí, justamente, a beleza da mediação proposta por Gil: oferecer-nos flashes contínuos de obras em processo político (a sua e a do artista), dado que “a tomada de consciência sobre tal condição

oferece uma imagem nítida de nosso posicionamento entre mundos” (p. 25).

Ao ler que “o termo arte contemporânea pode dar a entender que esta congrega toda a arte produzida em nosso tempo; entretanto, ela não o faz” (p. 27), é forçoso pensar que “crítica contemporânea” é outro termo que operaria nesse mesmo sentido da colonialidade do saber, na medida em que tudo o que cheira a (de)colonialidade faz torcer e empinar ainda mais o nariz de (in)certa crítica militante (e miliciana da “qualidade estética”) ainda praticada por vários euro-estadunidenses, conforme já assinalei sobre a Bienal de Veneza curada por Adriano Pedrosa.

Mas o que vem mesmo a calhar e que faz deste livro do Gil sobre Marccone uma espécie de síntese (co)movente e matéria provisória para a história do presente, é o fato de que o autor, traçando um paralelo entre a arte e a língua em termos de produção de sentido, encara os processos de instituição tanto da arte quanto da crítica como sotaques,

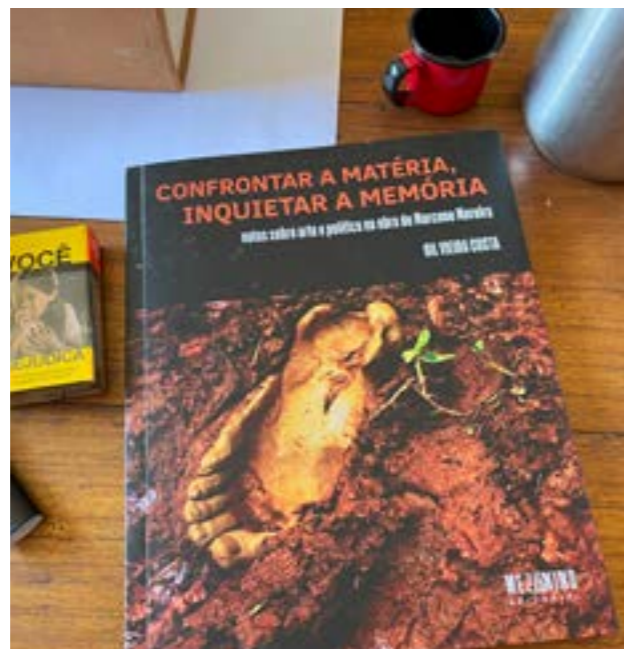
como potencialidades suficientes para embaralhar as hierarquias entre o vernacular e o erudito nas sobrepostas contemporaneidades da arte. Nesse sentido, me fez lembrar Barthes (1992) que, alargando Saussure e Jakobson, encara o idioleto/escritura como exercício transgressor de linguagem numa dada comunidade; de um grupo que comunga os mesmos sentidos de determinados enunciados - o que faz da arte uma “língua” também perpassada tanto por termos traduzíveis quanto por intraduzíveis.

E mais não posso dizer, sem cair na tentação do spoiler.

Entretanto, não pude sabotar o ansioso leitor que sou: devorei o livro em 48 horas, percebendo desde as primeiras páginas que a obra de Marccone desafiada na obra de Gil me daria muito mais que uma leitura prazerosa...

Não me arrependi, dado que me deu muitos motivos para (re) pensar nossos modos epistêmicos de enfrentamento e afrontamento das mundiações.

O que mais se pode esperar de uma crítica militante, mas não necessariamente miliciante?



Confrontar a matéria, inquietar a memória: notas sobre arte e política na obra de Marccone Moreira.

Autor: Gil Vieira Costa.

Belém, Mezanino Editorial, 2024.

Link da editora:

<https://www.mezaninoeditorial.com.br/index.php/loja-mezanino>

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1992.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

COSTA, Gil Vieira. *Confrontar a matéria, inquietar a memória: notas sobre arte e política na obra de Marccone Moreira*. Belém: Mezanino Editorial, 2024.

WARBURG, Aby. *El ritual de la serpiente*. México: Editorial Sexto Piso, 2008.

GIL VIEIRA COSTA

(Ananindeua-PA, 1988) é curador, crítico e historiador da arte, interessado na reflexão sobre artes e culturas visuais em localidades na Amazônia, em suas relações com imaginário e ideologia. Professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade do Sul e Sudeste do Pará (em Marabá, onde reside), é doutor em História pelo PPGHIST-UFPA, mestre em Artes pelo PPGARTES-UFPA e licenciado/bacharel em Artes Visuais pela ESMAC. Foi bolsista IMS de Pesquisa em Fotografia (2023) e ganhou o Prêmio IAP de Artes Literárias (2013) com o ensaio *Espaços em trânsito: múltiplas territorialidades da arte contemporânea paraense*. É membro da ABCA e da ANPAP.

AFONSO MEDEIROS

Paraense de Belém, Afonso Medeiros é crítico, professor titular e historiador da arte da FAV e do PPGARTES da UFPA, além de pesquisador do CNPq. Na UFPA (onde atua desde 1989), exerceu cargos diretivos no Núcleo de Artes, no Instituto de Ciências da Arte e no Programa de Pós-Graduação em Artes. Autor de *O imaginário do corpo entre o erótico e o obscuro* (2008) e *A arte em seu labirinto* (2013), foi coorganizador de *Corpos em divergência* (2022) e *Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade* (2014). Graduado em Educação Artística/Artes Plásticas (UFPA), é especialista em Belas Artes/História da Arte pela Shizuoka University (Japão); mestre em Ciências da Educação/Arte-Educação também pela Shizuoka University (Japão) e doutor em Comunicação e

Semiótica/Intersemiose na Literatura e nas Artes pela PUC-SP - com estágio na Japanese-Language Institute de Kansai (2000) e tese sobre o acervo de gravuras ukiyoe do Instituto Moreira Salles. Foi *Postdoctoral Visiting Scholar* na University of Kassel (2003) e fez estágio pós-doutoral no PPGDTSA da UNIFESSPA (Marabá). Foi Vice-Presidente e Diretor de Relações Institucionais da Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) e Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Desenvolve desde 2022 o projeto de pesquisa *Iconografias das (in)diferenças: contradições da historiografia da arte na (re)configuração da modernidade*, investigando as dialéticas entre identidades e representatividades locais/globais nos fluxos e refluxos entre o moderno e o contemporâneo.